

**Discussion
Paper**

ESPM

v. 6, n. 6, 2018

Prof. Fausto Godoy

Prof. Alexandre Uehara

A vintage globe is the central focus of the cover. It is tilted and held by a hand, which is partially visible at the bottom right. The globe shows the continents of Africa and Asia. The word 'AFRICA' is prominently displayed in large, stylized letters across the African continent. The word 'ASIA' is also visible on the Asian continent. The globe has a grid of latitude and longitude lines. The background is dark and out of focus, suggesting an indoor setting with a blueish light source.

**ÁSIA+ÁFRICA: NOVAS FRONTEIRAS
DA EXPANSÃO ECONÔMICA?**

**Discussion
Paper** |

ESPM

ISSN: 2448-0932

Corpo Editorial

Dalton Pastore
Presidente

Alexandre Gracioso
Vice-presidente acadêmico e de graduação

Elisabeth Dau Corrêa
Vice-presidente administrativo-financeira

Flávia Flamínio
Diretora nacional de operações acadêmicas

Luiz Fernando Dabul Garcia
Diretor nacional de educação continuada

Conselho Editorial

Carlos Frederico Lucio

Cristina Helena Pinto de Mello

Denise Fabretti

Fabio Mariano Borges

Ismael Rocha

João Osvaldo Schiavon Matta

Luiz Fernando Dabul Garcia

Pedro Luiz Ribeiro de Santi

Leonardo Nelmi Trevisan
(Edição de texto)

Matheus Matsuda Marangoni
(Edição de arte)

Fernando Matijewitsch
(Gerência de edição)

Publicação trimestral, em formato eletrônico, o Discussion Paper ESPM reúne artigos, notícias de pesquisas, resenhas, traduções ou entrevistas oriundas de debate temático.

O objetivo é incentivar a discussão de assuntos, atinentes ou complementares, ao conteúdo curricular de disciplinas da área de Ciências Sociais Aplicadas.

O perfil deste periódico oferece espaço de publicação da produção docente, incluindo procedimentos de pesquisa, em diferentes formatos.

O Discussion Paper ESPM busca também ampliar repertório e capacidade de análise do corpo discente, pois, a iniciativa procura, especialmente, a participação do aluno nos debates geradores de cada número.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

A submissão de trabalhos deverá ser feita através do endereço eletrônico do periódico. O Processo de Avaliação pelos Pares consiste nas seguintes etapas: o artigo original será analisado por dois integrantes do Conselho Editorial para verificar se cumpre com os requisitos temáticos e metodológicos e definir a área epistemológica de avaliação a ser direcionada. Em seguida, o artigo será enviado a pares de avaliadores externos, preservando o anonimato dos autores, que não compareceram ao debate gerador do respectivo Discussion Paper. Os avaliadores externos procederão de acordo com os critérios: 1. Publicar sem alterações; 2. Publicar com pequenas alterações, efetuadas pelos avaliadores; 3. Retornar ao autor com orientações de correções a serem efetuadas, podendo ser publicado posteriormente; 4. Retornar ao autor com a reprovação do artigo, sem publicação posterior. Mais informações em: <http://discussionpaper.espm.br/>.

Apresentação do debate 5

O dragão chinês e o leão africano: uma rota para o futuro? 6

Fausto Godoy

Países africanos e relacionamentos com a Ásia 12

Alexandre Uehara



APRESENTAÇÃO DO DEBATE

O consenso possível entre os mais diferentes analistas da cena internacional aponta o século XXI como o “século do Pacífico”. Parte dessa retórica vem da forte aproximação, nas duas últimas décadas especialmente, da China com todo o continente africano. Há uma “política africana”, desde 1996, na chancelaria chinesa com alvo bem definido: petróleo e muitas outras matérias primas. Conselhos Conjunto de Negócios se consolidaram entre Pequim e praticamente todas as capitais africanas. E os chineses não estão sozinhos nesta aproximação: com ainda poder menor, mas não com ímpeto geopolítico menos denso, a Índia seguiu o mesmo itinerário de aproximação. Apenas, bem mais tarde que seus concorrentes chineses.

A questão central está nos resultados dessa geoeconomia de aproximação entre Ásia e África. Dos 193 países da base de dados do Fundo Monetário Internacional, entre 2008 e 2017, apenas 39 deles conseguiram média de crescimento igual ou maior a 5% ao ano. Destes 39 países, apenas três (Nauru, Panamá e República Dominicana) não são asiáticos ou africanos.

O ponto inquietante nesse processo é como o mundo observa essa expansão comprometida entre África e Ásia sob o comando chinês. Nenhum canto econômico do mundo pode ficar indiferente a este processo. Principalmente, qualquer dos grandes produtores de commodities tão ambicionadas pelo acelerado desenvolvimento chinês e indiano.

Estes são os temas do Discussion Paper no. 29, “Ásia mais África: novas fronteiras da expansão econômica?”, tratados pelos professores da ESPM, **Fausto Godoy**, discutindo o tema “O dragão chinês e o leão africano: uma rota para o futuro?” e **Alexandre Uehara** debatendo diferentes aspectos de “Países africanos e relacionamentos com a Ásia”. A mediação do debate foi da professora Denilde Oliveira Holzacker.

Boa leitura!



**O DRAGÃO CHINÊS E O LEÃO AFRICANO:
UMA ROTA PARA O FUTURO?**

Fausto Godoy



Discussion
Paper |

ESPM

It has been China's dream for a century to become the world's leading nation. It's been a dream that combines the ideals of three of China's greatest leaders: Sun Yat-sen, the architect of China's republican revolution, Mao Zedong, the founder of the New China, and Deng Xiaoping, the designer of the Reform and Opening Up of China. The commonality of their struggles is that each aimed to build the Chinese nation into the world's leading nation. But what does it mean for China to become the world's leading nation? First, it means that China's economy will lead the world. On that basis, it will make China the strongest country in the world. As China rises to the status of a great power in the 21st century, its aim is nothing less than the top – to be the leader of the modern global economy (Liu Mingfu - "The China Dream").

No matter how the international situation changes and to what stage China develops, China will, as always, stand with all developing countries, including African countries, and be a sincere friend and a reliable partner of Africa (Xi Jinping, Presidente da República Popular da China).

Na visita de Estado do Presidente do Zimbabwe, Emmerson Manangagwa, a Pequim, em abril deste ano, a primeira que realizou a um país estrangeiro após a sua tomada de posse no cargo, em novembro do ano passado, seu anfitrião, o Presidente Xi Jinping, pronunciou a frase acima.

Ela complementava as palavras que ele pronunciara em dezembro de 2015 quando, na cerimônia de abertura da “II Cúpula do Fórum de Cooperação China-África/ FOCAC”, em Johannesburg, afirmou que “as relações sino-africanas atingiram um estágio de desenvolvimento sem equivalência na História.” Prosseguindo, Xi afirmou que “...we should scale the heights, look afar and take bold steps. Let us join hands, pool the vision and strength of the 2.4 billion Chinese and Africans and open a new era of China-Africa win-win cooperation and common development”).

Retórica à parte, onde se insere o relacionamento sino-africano no contexto da política externa contemporânea da República Popular? Quais são os interesses dos chineses em estreitar os laços com a África de forma tão empenhada?

Para entender a questão, acredito que primeiramente devemos focar os objetivos de longo prazo da RPC. Uma primeira reflexão, que pode parecer “exotérica” se fizermos uma leitura rasa da percepção que a China tem de si mesma e do espaço que ela julga caber-lhe na cena internacional, remete à própria palavra que a designa, em mandarim: “Zhōngguó” / 中国, o “País do Centro/Meio”. É este conceito de centralidade soberana que ao longo dos tempos levou-a a um isolamento “imperial”, que o “século das humilhações” e, posteriormente, a aventura maoísta, romperam.

A partir do processo de abertura da economia deslançado por Deng Xiaoping em 1979, e do seu programa de reformas econômicas visando à construção do “socialismo com

características chinesas”, a China vem-se abrindo para o mundo de forma acelerada. Esta abertura teve como embasamento, e inspiração, dois conceitos de fundo confucionista que se aplicam visivelmente à sua política externa na era pós-Mao: estabilidade e harmonia. Tais objetivos têm sido perseguidos por todos os governos da RPC a partir de 1979.

Para atingir a meta que se propôs de se tornar o país líder do século XXI, tal como o analista e membro da Academia Chinesa de Defesa, Liu Mingfu, afirmou no seu livro “*The China Dream*” - que Xi Jinping cita em quase todas as suas manifestações públicas-, a RPC necessita, antes de tudo, assegurar a segurança alimentar para seus 1,3 bilhão de habitantes, a fim de poder direcionar seu processo de desenvolvimento para os setores de tecnologia de ponta definidos no “Plano China 2025”, anunciado em 2015, que a alavancarão, segundo seus mentores, ao patamar de potência tecnológica hegemônica na era pós-industrial.

Neste espírito, são dois os principais vetores que as autoridades de Pequim definiram como essenciais para que o país realize este sonho ambicioso: 1) parcerias com os que “alimentarão” a sua população (Brasil e África, por exemplo), e 2) parcerias com aqueles que viabilizarão o seu “salto adiante” no setor industrial da pós-modernidade: as empresas internacionais de alta tecnologia que, adquiridas por companhias chinesas (a Volvo, sueca, e a Pirelli, italiana, por exemplo) transferirão “*know how*” para suas matrizes na China e, num efeito cascata, alavancarão a pesquisa endógena.

Neste contexto, por que é fundamental a segurança alimentar? Não há que esquecer que o território agricultável da China é muito restrito em comparação à sua densidade populacional, e que o fantasma da fome a tem rondado ao longo da sua História. Mais recentemente, recordemos que Mao Zedong, no final da década de 50, decretou a política desastrosa do “Grande Salto Adiante”, na tentativa de transformar de forma atabalhoada um país então agrícola numa potência industrial em curtíssimo prazo, deixando como saldo trágico mais de 20 milhões de mortos de fome, literalmente. Este trauma permanece até hoje. É neste contexto que se coloca o interesse dos chineses em abrir frentes diplomáticas e econômico-comerciais com países que possam assegurar a provisão de alimentos. Explica-se, desta forma, aliás, um dos principais focos de interesse dos chineses quando nos propuseram, em 1993, uma “parceria estratégica”. E o mesmo se aplica no caso da África: somos ambos grandes produtores e exportadores de alimentos e de matérias-primas para a República Popular.

O segundo conceito, a harmonia, estabelece os fundamentos necessários para a integração cada vez maior da China no cenário internacional, frente à necessidade de ampliar os mercados para seus produtos. Não é à toa que o Presidente Xi Jinping tornou-se um dos maiores entusiastas da globalização em todo o planeta. Para tanto, o relacionamento harmônico com os demais países torna-se imprescindível para a República Popular aumentar, como tem feito, de forma impressionante, o seu catálogo de parceiros comerciais: ela já era o principal parceiro comercial para 124 países, em 2016 (contra 56 para os Estados Unidos).

É aí que entra a “política africana” do *Waijiaobu* (a Chancelaria chinesa). O primeiro passo de aproximação com a África foi dado por Jiang Zemin, em 1996, que elegeu o continente como o destino da sua primeira viagem ao exterior após ser eleito Presidente da República Popular. Ele realizou um périplo por seis países do Continente. Na ocasião, Jiang apresentou à “Organização para a Unidade Africana” (OUA), em Adis Abeba, uma “Proposta de Cinco Pontos” para o desenvolvimento de “relações harmoniosas, estáveis e de longo prazo”: 1) sinceridade, visando a solução amigável de litígios; 2) igualdade de tratamento; 3) resultados práticos, com benefícios mútuos; 4) cooperação e consultas sobre temas internacionais de interesse comum; e 5) o compromisso de “olhar para o futuro e criar um mundo esplêndido”.

O grande impulso foi, porém, dado com a formalização do “Fórum de Cooperação China-África”/ *Forum on China–Africa Cooperation* (FOCAC), que realizou sua primeira reunião em Pequim, em outubro de 2000. A proposta de criação do organismo partiu do próprio Presidente Jiang Zemin, em carta que dirigiu ao Secretário-Geral da OUA, em outubro de 1999. Pelo FOCAC, a China se comprometeu a investir de forma significativa no continente em troca de concessões na exploração do petróleo e outras matérias-primas. Para fomentar as relações econômico-comerciais, foram criados o “Conselho Conjunto de Negócios China-África” e o “Centro China-África de Exibições de Produtos”, na China.

O formato do FOCAC é o de um acordo bilateral, que reúne, de um lado, um único país – a China - e, de outro, um grupo de quase cinquenta países evidenciando a capacidade dos chineses de aglutinar nações com padrões civilizacionais tão distintos. No entender dos analistas, o FOCAC veio consolidar o pragmatismo econômico e político que tem caracterizado a República Popular desde a abertura da era-Deng, e o crescente distanciamento das políticas de matriz ideológica que marcaram o intercâmbio sino-africano no período de Mao Zedong. Ainda segundo estes analistas, como corolário a cooperação Sul-Sul saiu fortalecida no âmbito global: China e África passaram a unir esforços para a “democratização” das organizações internacionais, como a ONU, a OMC

e o FMI, propugnando por uma presença mais ativa dos países em desenvolvimento em suas instituições e agendas.

Entre os setores mais relevantes para a cooperação sino-africana contam-se: 1) a criação de zonas econômicas especiais bilaterais, na África, incluindo facilidades para a operação de pequenas e médias empresas locais; 2) a participação de especialistas chineses no treinamento de técnicos na área de agricultura e segurança alimentar; 3) o aumento dos fundos de apoio à expansão dos negócios chineses no Continente; 4) empréstimos preferenciais aos países africanos, no valor de US\$ 10 bilhões, ao longo de três anos; e 5) isenção tarifária para produtos oriundos dos países africanos de menor desenvolvimento relativo. Além disto, várias outras áreas foram igualmente contempladas: a cooperação educacional, o monitoramento ambiental e a saúde, por exemplo.

Para confirmar este empenho, em recente pronunciamento a respeito das relações sino-africanas, o Presidente Xi afirmou que "independentemente das mudanças na ordem internacional, a China continuará mantendo a política de sinceridade, resultados reais, afinidade e boa fé, e defenderá a justiça e os interesses compartilhados para apoiar continuamente a África a atingir a prosperidade". Mais adiante, ele acrescentou que "a China é o maior parceiro comercial da África desde 2009. Guangzhou é a maior prova disso. Muitos africanos chamam a cidade no sul da China de "casa"...

Resta saber, entretanto, se essas palavras se traduzirão em realizações concretas, na dimensão – e ambição – que elas sinalizam, uma vez que em vários momentos os chineses deixam de cumprir o acordado, como se sabe. E, principalmente, certificar-se de que as contrapartidas chinesas serão equilibradas, conforme prometido...

O dragão chinês, o leão africano e o tigre indiano

Tamanho entusiasmo de chineses e africanos acabou por despertar o sinal de alerta da Índia a respeito das consequências geoeconômicas – e geopolíticas, como corolário – desta parceria cada vez mais “estratégica”. Os indianos alegam sua presença antiga no sul do continente africano: não se deve esquecer que a campanha do Mahatma Gandhi pela independência da Índia teve início na África do Sul, onde ele então residia. Além disto, uma boa parte da população local tem suas raízes na Índia, levada que foi pelos colonizadores ingleses no século XIX, sobretudo.

O Primeiro-Ministro indiano, Narendra Modi, em recente visita a Ruanda e Burundi, anunciou que seu país estaria disposto a cooperar com a África em projetos de

infraestrutura. Este seu périplo por esses países ambicionava reduzir a presença tão maciça dos chineses na região, segundo especialistas.

Na realidade, o interesse dos indianos pela África tem contornos geopolíticos mais definidos: a “Look East Policy” de Modi,, que busca resgatar a política externa da Índia de um certo alheamento com relação aos seus vizinhos. Os analistas duvidam, entretanto, deste intento: ele chegou tarde e é muito pequeno em relação com o poder econômico dos chineses. Como afirmaram os analistas Karin Costa Vazquez e Kartijeya Dwivedi, em matéria intitulada “*Race to the South: is New Delhi plahying catch-up with Beijing in Africa*” para o boletim “*The Wire*”: “*the key difference between New Delhi and Beijing’s engagement in Africa is the availability of financial resources. With its deep pockets, China seems an obvious choice for African leaders looking for fast development and, in some cases, regime survival*”.

Em resumo, a África, com seus vastos recursos naturais e humanos, está-se tornando o “objeto obscuro (e nem tanto) do desejo” de vários atores mundiais importantes. Estaria, finalmente, aberta a sua “janela de oportunidades” para uma maior integração às cadeias globais de valor? E quais serão as consequências geopolíticas deste cenário? Não podemos esquecer que Xi Jinping incluiu o continente africano no roteiro da sua iniciativa “One Belt, One Road”, que ambiciona desviar para a Eurásia o eixo geoeconômico deste século.

E, finalmente, paira no universo da dúvida a pergunta que devemos nos fazer: e nós?



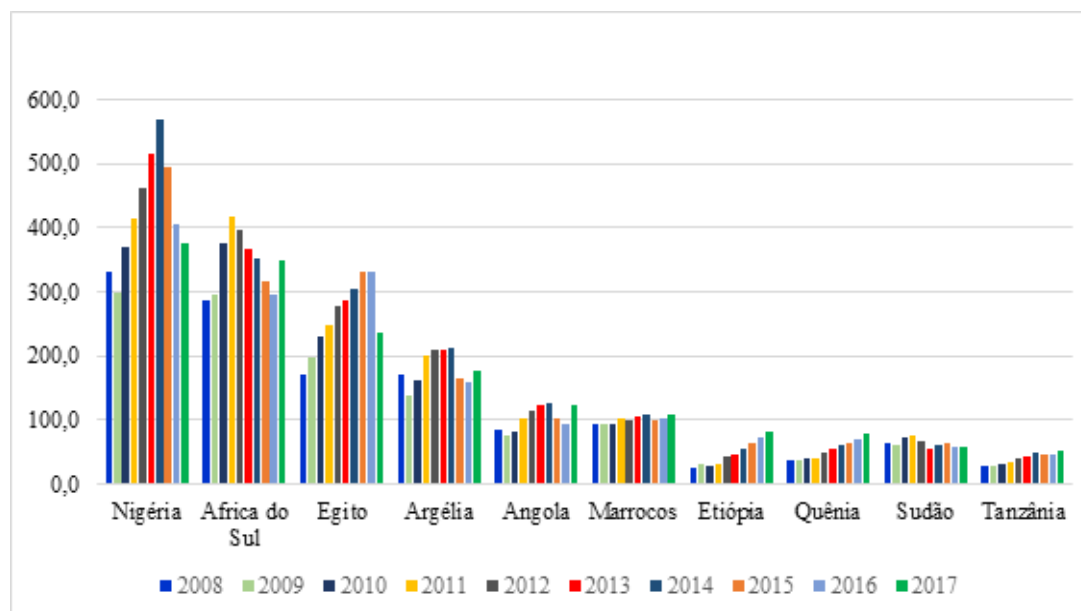
PAÍSES AFRICANOS E RELACIONAMENTOS COM A ÁSIA

Alexandre Uehara

O relatório do Banco de Desenvolvimento Africano, Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional de 2017 aponta as economias africanas, impactadas pela queda nos preços das commodities, vêm apresentando uma tendência de queda no Produto Interno Bruto (PIB) desde 2014. Entretanto, esse mesmo relatório afirma que as perspectivas de médio prazo são positivas, ainda que dependentes de um aumento na entrada de investimentos, mobilização de recursos domésticos e aproveitamento das oportunidades proporcionadas pela globalização para promover transformações econômicas e criação de empregos, de acordo com o estudo serão necessários pelo menos 20 milhões de vagas até 2035.

Antes de olhar para o futuro, busca-se observar o desempenho das dez maiores economias do continente africano após a grande crise causada pela quebra da Lehman Brothers em 2008 e suas repercussões à economia internacional. No Gráfico 1 pode-se observar que os desempenhos da Nigéria, África do Sul, Argélia e Angola nos dez últimos anos corroboram com as informações do mencionado relatório, entretanto, o Egito, Etiópia, Quênia e Tanzânia apresentam tendências de crescimento e, mesmo a África do Sul e Argélia apresentaram uma melhoria nos resultados do PIB em 2017.

Gráfico 1: 10 Maiores Produtos Interno Bruto do Continente Africano



Fonte: INTERNATIONAL MONETARY FUND. World Economic Outlook Database, April 2018. Disponível em: <https://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2018/02/weodata/index.aspx>. Acesso em 20.ago.2018. (Elaboração do autor)

Comparando-se os desempenhos econômicos dos países da região asiática e do continente africano na última década, nota-se um paralelismo, pois os países de ambas regiões apresentam altas taxas de crescimento econômico. Dos 193 países da base de dados

do Fundo Monetário Internacional (FMI) verifica-se que entre 2008 e 2017, apenas 39 nações conseguiram uma média de crescimento igual ou superior a 5% ao ano e, apenas três países (Nauru, Panamá, República Dominicana) não são asiáticos ou africanos. E, as previsões do FMI para 2018 apontam que as maiores taxas de crescimento de PIB continuam basicamente relacionadas às nações desses dois continentes (Tabela 1).

Tabela 1: 20 MAIORES ÍNDICES DE CRESCIMENTO DO PIB (%)

Posição	País	2018	Posição	País	2018
1	Líbia	16,4	11	Camboja	6,9
2	Etiópia	8,5	12	Laos	6,8
3	Costa do Marfim	7,4	13	Djibouti	6,7
4	Índia	7,4	14	Filipinas	6,7
5	Ruanda	7,2	15	Vietnã	6,6
6	Butão	7,1	16	China	6,6
7	Senegal	7,0	17	Tanzânia	6,4
8	Bangladesh	7,0	18	Gana	6,3
9	Macau	7,0	19	Turcomenistão	6,2
10	Mianmar	6,9	20	Benin	6,0

Fonte: International Monetary Fund. World Economic Outlook Database, April, 2018. World Economic Outlook Database, April 2018. Disponível em: <https://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2018/01/weodata/index.aspx>. Acesso em 20.mai.2018.

Portanto, se por um lado a Ásia já não pode ser ignorada pelas dimensões econômicas já conquistadas por países como China, Japão, Coreia do Sul e Taiwan, para citar algumas, o dinamismo econômico da África também merece atenção, pois há um crescente aumento da presença dos países desse continente nos negócios internacionais. O relacionamento entre as nações desses dois continentes não é algo novo, esforços conjuntos entre países africanos e asiáticos podem ser remontados pelo menos desde a década de 1950. Um evento importante foi a Conferência de Bandung de 1955 na Indonésia, que inserida no conceito de cooperação Sul-Sul, reuniu 29 países africanos e asiáticos que juntos representavam cerca de dois terços da população mundial e, de acordo com o relatório das Organização das Nações Unidas, proporção que manteve em 2017 sendo Ásia e África responsáveis, respectivamente, por 59,7% e 16,6% da população mundial.

Além desses dois continentes somarem mais de 75% da população mundial, merece atenção também o fato de serem em sua maioria nações com uma alta demanda de necessidades a serem satisfeitas, em vários casos apresentarem elevadas taxas de crescimento econômico. Portanto, há um potencial para ampliação de mercados ao comércio internacional à medida em que essas economias se desenvolvam e as populações passem a adquirir maior poder de compra.

Especificamente em relação ao comércio internacional, de acordo com os dados da Organização Mundial do Comércio (OMC) obtidos pela base de dados “*International Trade and Market Access Data*”, os países africanos no ano de 2017 realizaram com o mundo um comércio total de US\$ 950,3 bilhões, sendo as exportações no valor de US\$ 416,7 bilhões e importações de US\$ 533,6 bilhões. Na Tabela 2 são apresentados os cinco principais países exportadores e importadores do continente africano.

Tabela 2: 5 Maiores Países Exportadores e Importadores Africanos em 2017

Exportações		Importações	
País	US\$ Milhões	País	US\$ Milhões
África do Sul	89.041,7	África do Sul	101.338,6
Nigéria	46.900,0	Egito	61.627,0
Argélia	34.925,0	Argélia	46.129,0
Angola	33.129,1	Nigéria	45.000,0
Egito	25.604,0	Marrocos	44.924,4

Fonte: World Trade Organization. International Trade and Market Access Data. Disponível em: https://www.wto.org/english/res_e/statis_e/merch_trade_stat_e.htm. Acessado 20.set.2018.

A partir da Tabela acima pode-se observar que os países com maiores PIBs são os que apresentam os valores mais significativos de comércio exterior. E, nas relações comerciais dessas nações destacam-se os países asiáticos, por estarem sempre entre os cinco primeiros parceiros tanto nas exportações como nas importações (Tabela 3). Entre os que merece distinção está a China que representa 43,2% das exportações de Angola, entretanto, praticamente para todas as cinco principais economias africanas, os países asiáticos representam pelo menos 20% tanto nas importações como nas exportações.

Tabela 3: Cinco Maiores Parceiros no Comércio Exterior das 5 Maiores economias Africanas

EXPORTAÇÕES				
Nigéria	África do Sul	Egito	Argélia	Angola
União Europeia (36,6%)	União Europeia (21,7%)	União Europeia (29,4%)	União Europeia (57,9%)	China (43,2%)
Índia (17,9%)	China (9,8%)	Emirados Árabes (10,6%)	EUA (9,9%)	União Europeia (25,0%)
EUA (12,8%)	EUA (7,5%)	Turquia (7,2%)	Brasil (6,0%)	Índia (8,1%)
África do Sul (4,5%)	Japão (4,7%)	Arábia Saudita (6%)	Turquia (5,2%)	Taiwan (4,3%)
Canadá (3,5%)	Índia (4,7%)	EUA (5,1%)	Coreia do Sul (2,5%)	África do Sul (4,1%)
IMPORTAÇÕES				
Nigéria	África do Sul	Egito	Argélia	Angola
União Europeia (43,5%)	União Europeia (30,8%)	União Europeia (30,1%)	União Europeia (44,1%)	União Europeia (33,2%)
China (18,7%)	China (18,3%)	China (12,2%)	China (18,1%)	China (16,9%)
EUA (8%)	EUA (6,6)	Arábia Saudita (6,3%)	Turquia (4,4%)	Coreia do Sul (8,6%)
Índia (4,9%)	Índia (4,7%)	EUA (5,9%)	EUA (4,0%)	EUA (7,4%)
Brasil (2,6%)	Arábia Saudita (4,6%)	Rússia (5,4%)	Coreia do Sul (3,7%)	África do Sul (5,4%)

Fonte: World Trade Organization. International Trade and Market Access Data. Disponível em: https://www.wto.org/english/res_e/statis_e/merch_trade_stat_e.htm. Acessado 20.set.2018.

Por meio do comércio, de acordo com o relatório do FMI, “*The G-20 Compact with Africa*” (2017, p.10), “muitos dos países subsaarianos, especialmente os que não são intensivos em recursos, tem conquistado significativos progressos na diversificação das suas exportações e transformações estruturais, a região dos exportadores de commodities tem aparentado uma crescente especialização nas exportações de commodities”. Esse fato, tem refletido também nos investimentos, que é outro fator que potencializa o crescimento das economias africanas.

Segundo outro relatório do FMI, *Fiscal Adjustment and Economic Diversification. Regional Economic Outlook*, em 2017 houve uma queda nos fluxos de investimentos para a África devido a redução do preço do petróleo impactando os países exportadores desse produto, porém países que tem exportações mais diversificadas como Etiópia e Marrocos, foram mais resilientes. No entanto, apesar da queda nos valores dos fluxos

de investimento em 2017, há uma avaliação positiva em relação às perspectivas para os investimentos como um todo.

Baseada numa amostra de 45 países da África Subsaariana, abrangendo o período de 1980 a 2017, esta análise mostra que os fluxos de capitais não oficiais para a região estão em níveis historicamente elevados. De facto, normalizados pela dimensão económica, os fluxos líquidos de capitais para a África Subsaariana têm sido superiores aos fluxos de capitais para as economias de mercados emergentes nos últimos anos (FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL, 2018, p.25)

Com os novos fluxos de investimentos, que atualmente os países asiáticos tem desenvolvido, outro fato importante aos países africanos é a diminuição da dependência, que mantinham desde o passado colonial, das economias desenvolvidas ocidentais para as cooperações econômicas.

Na África, o IDE “greenfield” em têxteis, roupas e couro tem sido relativamente forte nos últimos anos, atingindo US\$ 4 bilhões em 2017 - o dobro do nível registrado em 2014 e 20 vezes o montante de 2008. O investimento Sul-Sul nesta indústria, particularmente de investidores asiáticos na África é significativo, no entanto, os maiores projetos estão altamente concentrados em poucos países, por exemplo Etiópia” (UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT, 2018, P.9 - tradução do autor)

Os fatos acima sinalizam a importância de se acompanhar as relações entre os países dos continentes africano e asiático, por pelo menos três motivos:

- i) São economias que estão crescendo e, com isso, expandindo mercados que podem proporcionar oportunidades de negócios;
- ii) São nações em desenvolvimento e os produtos brasileiros podem ser introduzidos em nichos de mercado, pela compatibilidade em termos de qualidade e valor, e;
- iii) A integração das economias asiáticas e africanas, podem promover uma industrialização que, além de deixar as empresas brasileiras à margem desse processo, pode trazer ainda mais concorrência às produções nacionais.

Por tudo isso, considera-se importante a contínua realização de estudos que analisem a competitividade e as inserções internacionais dos produtos brasileiros, a internacionalização das empresas nacionais e as possibilidades de integração nas cadeias de produtivas globais, pois as oportunidades para os chegam atrasados nos mercados, conhecidos pela expressão inglesa late comers, estão cada vez mais restritas.

Referências Bibliográficas

WORLD BANK. *The G-20 Compact with Africa*. A Joint AfDB, IMF and WBG Report. G-20 Finance Ministers and Central Bank Governors Meeting March 17-18, 2017 Baden-Baden, Germany. 2017.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. *Fiscal Adjustment and Economic Diversification. Regional Economic Outlook*. Oct17. Washington, D.C.: International. 2017. Disponível em: <https://www.imf.org/~/media/Files/Publications/REO/AFR/2017/.../pdf/sreo1017.ashx>. Acesso em 30.ago.2018.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. *World Economic Outlook Database, April 2018*. Disponível em: <https://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2018/02/weodata/index.aspx>. Acesso em 20.ago.2018

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT. *World Investment Report 2018*. <https://unctad.org/en/pages/PublicationWebflyer.aspx?publicationid=2130>

WORLD TRADE ORGANIZATION. *International Trade and Market Access Data*. Disponível em: https://www.wto.org/english/res_e/statis_e/merch_trade_stat_e.htm. Acessado 20.set.2018.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL. *África Subsariana: Fluxos de capitais e o futuro do trabalho*. Perspectivas económicas regionais. Out.18. Washington, DC: International Monetary Fund. 2018.

**Discussion
Paper**



ESPM

v. 6, n. 6, 2018